

## **Comércio e imigração na avenida Paulista: regimes de visibilidade e de alteridade na galeria Paulista Center<sup>1</sup>**

Liana COSTA<sup>23</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

Um dos maiores centros migratórios do País, a cidade de São Paulo tem o seu universo de sentidos constituído a partir de contextos culturais gerados pela presença do imigrante. Uma das principais vias da capital, a avenida Paulista é um dos espaços ocupados e ressignificados por práticas de vida desenvolvidas por estrangeiros que ali se instalaram – entre eles, a comunidade chinesa. Este artigo tem por objetivo investigar de que modo o imigrante encontra-se presentificado na avenida Paulista a partir do estudo dos diversos regimes de sentido, de alteridade e de visibilidade. Como corpus de análise, foi escolhida a galeria Paulista Center, imóvel localizado na avenida em questão e ocupado, principalmente, por trabalhadores chineses. A fundamentação teórico-metodológica será pautada na Semiótica Discursiva, na Semiótica Plástica, na Sociosemiótica e na Etnosemiótica.

**Palavras-chave:** imigração; comércio; avenida Paulista; visibilidade; alteridade.

### **Introdução**

A cidade de São Paulo é considerada um dos maiores centros migratórios do País. Ao longo dos dois últimos séculos, a capital paulista recebeu ondas migratórias de países europeus, asiáticos, africanos e latino-americanos. Embora oriundos de diferentes partes do mundo, esses imigrantes possuíam em comum um percurso narrativo de busca por prosperidade econômica em um novo território. Suas práticas de vida, construídas a partir de contextos culturais de origens diversas, modificaram a paisagem urbana, repercutindo no universo de sentidos que constitui São Paulo.

Mais importante via da capital, a avenida Paulista é um exemplo de espaço modificado a partir da presença imigrante. Inaugurada em dezembro de 1891, a avenida teve como seus primeiros ocupantes tradicionais famílias da nobreza do café e novos ricos. Entre os últimos, imigrantes que prosperaram através do comércio e da indústria, como algumas famílias árabes e italianas. Tal ecletismo étnico terminou por se reproduzir nas mansões e palacetes da via – suas primeiras construções –, que, muitas vezes, replicavam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: [liana.csta@gmail.com](mailto:liana.csta@gmail.com).

<sup>3</sup> Pesquisadora do Atelier “São Paulo dos Imigrantes” no Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS) da PUC-SP.

aspectos arquitetônicos dos países de origem de seus moradores. Essa diversidade, característica da própria metrópole São Paulo, ainda é hoje, mesmo após inúmeras mudanças urbanísticas e arquitetônicas ao longo das décadas, um dos principais valores presentes na Paulista.

Este artigo tem por objetivo descrever, sistematizar e compreender a produção de sentidos em espaços ocupados por imigrantes na cidade de São Paulo, utilizando como recorte a avenida Paulista. A intenção é responder à seguinte pergunta: de que modo o imigrante encontra-se presentificado na avenida Paulista? Como *corpus* de análise, foi escolhida a galeria Paulista Center, imóvel localizado na avenida em questão. Inaugurado em 2008, o Paulista Center reúne, em seus 222 boxes, vendedores brasileiros, coreanos e chineses, além de produtos de diferentes naturezas (eletrônicos, informática, cosméticos, vestuário, etc.). Para o propósito deste trabalho, a análise da galeria será trabalhada a partir da perspectiva dos imigrantes chineses, grupo étnico de maior representatividade entre os trabalhadores do local.

A fundamentação teórico-metodológica será pautada na Semiótica Discursiva, na Semiótica Plástica e na Sociosemiótica, com exploração das práticas de vida e do vivido a partir da Etnossemiótica<sup>4</sup> para apreensão e detalhamento do *corpus*. Esta pesquisa procura estudar os diversos regimes de sentido, de alteridade e de visibilidade que são conferidos a partir dos traços plásticos e figurativos do Paulista Center, bem como a partir da circulação de pessoas, mercadorias e serviços no local.

### **A migração chinesa no Brasil e o comércio informal em São Paulo**

Precisar a dimensão da comunidade de imigrantes chineses no Brasil é uma difícil tarefa. Entre problemas de declaração de nacionalidade e imigrações ilegais, os dados nem sempre são de fácil acesso ou refletem de fato a realidade. Estima-se, no entanto, que mais de 200 mil chineses e descendentes vivam hoje no País – 80% deles, localizados na cidade de São Paulo<sup>5</sup>. Segundo Piza (2012), é possível identificar três importantes fluxos migratórios de chineses para terras brasileiras: na segunda metade do século XIX, em substituição à mão de obra negra e escrava na produção agrícola; na metade do século XX,

---

<sup>4</sup> Marsciani (2012, p. 12) define a Etnossemiótica como uma análise estrutural das práticas desenvolvidas por agentes sociais (humano ou não humano) em uma dada comunidade cultural. Essas práticas são assumidas como organizações textuais e, como tais, demonstram-se definíveis e analisáveis. O objetivo final deste tipo de análise é explicar o significado interno das práticas em si mesmas.

<sup>5</sup> Informação retirada do jornal Estado de São Paulo, disponível em <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,chineses-no-brasil-vaio-muito-alem-da-rua-25-de-marco,25877e>. Acessado em 19/05/2015.

após o estabelecimento do governo maoísta, em 1949, e a partir da década de 1990. Foi neste último período que o comércio consolidou-se como a principal atividade econômica dos chineses instalados no Brasil.

Nos anos 1990<sup>6</sup>, o desenvolvimento econômico chinês passou a crescer em um ritmo mais acelerado, enquanto que, no Brasil, uma nova política econômica afrouxou o controle sobre produtos importados. Os novos contextos políticos e econômicos dos dois países propiciaram uma espécie de “diáspora comercial” (PIZA, 2012, p. 127) de chineses. Esses novos imigrantes deixavam seu país de origem com um projeto empreendedor, geralmente embasado na importação de produtos “*made in China*”, e passaram a abrigar suas atividades comerciais em pequenos bazares ou mercearias e, mais recentemente, em galerias e pequenos shoppings (SHU, 2009).

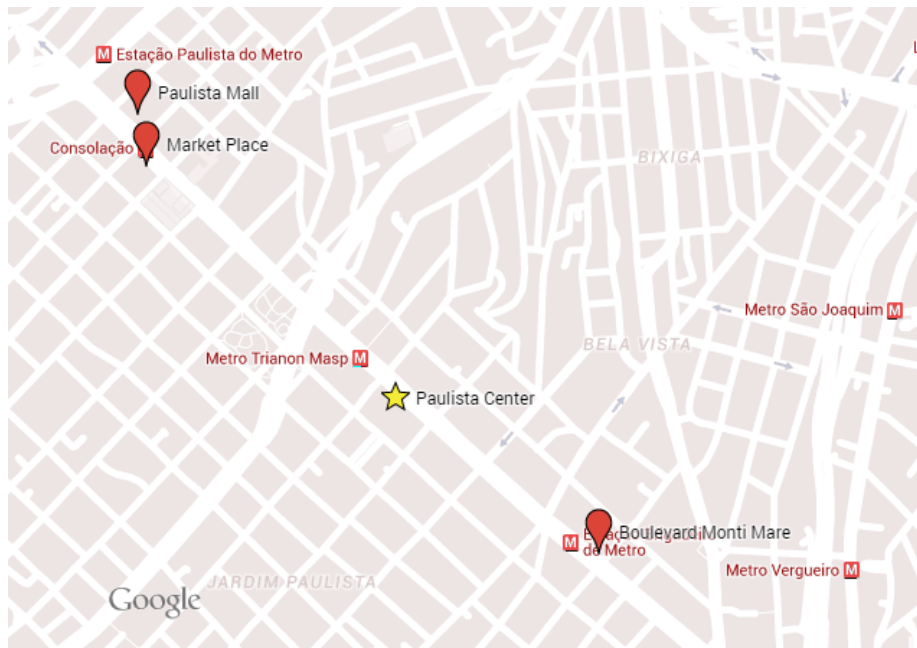
Nessas galerias, que se tornaram uma espécie de modelo de vendas do comércio praticado pelos imigrantes chineses, priorizam-se as relações familiares na estrutura comercial e a informalidade no que diz respeito a questões trabalhistas. Conforme Piza (2012, p. 93), é comum a existência de relações de trabalho informais, transações sem emissão de nota fiscal e a revenda de produtos contrabandeados ou falsificados.

Em São Paulo, muitos destes estabelecimentos estão localizados, bem como os próprios imigrantes que neles trabalham, em áreas da região central, como a rua 25 de Março ou no bairro do Brás, regiões que, historicamente, receberam outros grupos de estrangeiros com o mesmo percurso narrativo de busca por prosperidade econômica na capital paulista. Existem, no entanto, galerias instaladas em áreas consideradas “mais nobres” ou de maior visibilidade na cidade. É o caso da avenida Paulista.

Atualmente, existem quatro galerias do tipo na Paulista: a galeria Paulista Mall, na altura do número 2218; a galeria Market Place, no número 1941; a galeria Boulevard Monti Mare, no número 392, e a galeria Paulista Center, no número 1200, objeto de estudo desta pesquisa. As galerias estão distribuídas quase que de forma uniforme ao longo da via e posicionam-se próximas às saídas das estações de metrô da Linha Verde, que percorre a avenida. Além disso, é importante ressaltar outra reiteração comum entre os quatro espaços: o uso de palavras que pertencem ao campo semântico do comércio (“*mall*”, “*boulevard*”, “*market*” e “*center*”), escritas na língua inglesa, demarcando o caráter global da atividade ali praticada, e do termo “paulista”, responsável por apontar a localização – privilegiada na cidade de São Paulo – das galerias.

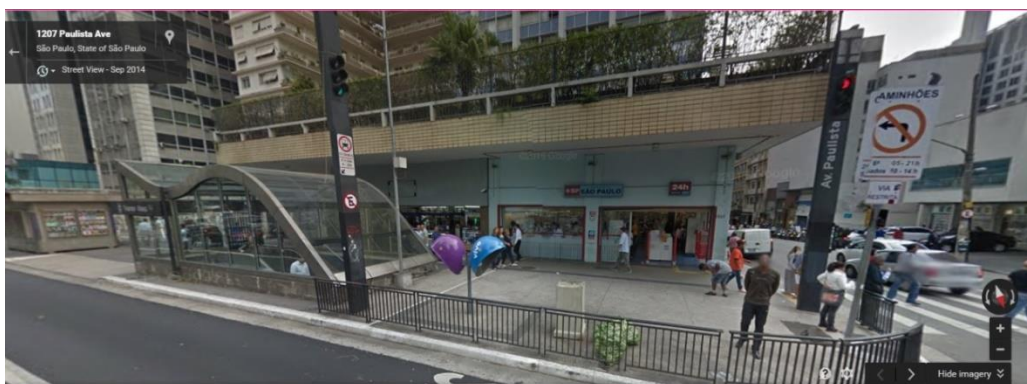
---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que, neste mesmo período, houve ainda um aumento da migração chinesa ligada a uma mão-de-obra contratada temporária e/ou qualificada (PIZA, 2012).



**Figura 1.** Presença do comércio de imigrantes chineses na avenida Paulista: existem hoje quatro galerias distribuídas ao longo da via. Fonte: Google Maps.

Localizada quase na esquina entre a rua Pamplona e a avenida Paulista, em frente a uma das saídas da estação Trianon-Masp (linha verde do metrô de São Paulo), a galeria Paulista Center foi inaugurada em 2008, logo após o fechamento de outro estabelecimento do tipo situado na mesma região da Paulista, o Stand Center. Um dos maiores centros comerciais da via, o Stand Center, além de outras três galerias próximas, foi interditado em 2007 pela Prefeitura de São Paulo sob a justificativa de falta de permissão para alteração na planta e falhas de segurança.



**Figura 2.** Localizado em frente à saída da estação de metrô Trianon-Masp, o Paulista Center ocupa a mesma região do antigo Stand Center. Fonte: Google Maps.

Atualmente, o Paulista Center abriga, ao longo dos seus três andares, 222 boxes que comercializam uma enorme variedade de produtos: eletrônicos, informática, máquinas fotográficas e acessórios, produtos de beleza, vestuário e acessórios, produtos importados, CD's, DVD's, jogos de videogame, além de um *sex shop* e uma lanchonete. As mercadorias variam entre peças originais, réplicas e pirataria (caso dos CD's, DVD's e jogos de videogame). Segundo Pinheiro-Machado (2008), é comum que os produtos comercializados em espaços do tipo flutuem entre “o (i)legal, o (in)formal e o (i)lícito”, conceitos definidos em oposição a parâmetros formais regulamentados pela lei e pelo Estado. “Trata-se de um mercado que se caracteriza por um alto grau de ilicitude, no momento em que grande parte das mercadorias que ele movimenta é falsificação, cópia, pirataria.” (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p. 120). Por conta disso, não é raro que o Paulista Center seja alvo, ainda hoje, de fiscalizações movidas pelo poder público.

Mais do que um resgate histórico, a recuperação da anterioridade da região em que hoje se encontra o Paulista Center, bem como do percurso histórico do imigrante chinês na cidade de São Paulo, ajudará a construir o modo com o qual o espaço e os sujeitos que o ocupam estão hoje presentificados na avenida Paulista, conforme será visto a seguir.

### **A presença do imigrante na galeria Paulista Center**

Para proceder com a análise dos modos de presença e de visibilidade do imigrante no Paulista Center e, dessa forma, na avenida Paulista, passou-se da observação *in loco* à descrição do ambiente, segundo as orientações previstas por Landowski (2001), para quem a compreensão das práticas sociais deve ser obtida a partir do material de que o pesquisador dispõe. Assim, faz-se fundamental o resgate dos efeitos de sentido resultantes da organização estrutural do objeto ou prática em questão.

Como espaço englobado da cidade de São Paulo, a galeria Paulista Center é revestida de significados simbólicos. Em todo caso, é possível recuperar a narratividade dos sujeitos que nela transitam, bem como desenvolver uma análise figurativa e temática das cenas descritas, obtidas a partir do ato de transitar/flanar do próprio observador, cujo objetivo é chegar aos valores postos em circulação.

O aspecto que primeiro nos chama atenção em relação ao Paulista Center é a sua fachada. De cor acinzentada, a entrada da galeria encontra-se na altura da calçada, também de cor acinzentada, da própria avenida, o que provoca um efeito de sentido de continuidade. A abertura para dois corredores divide o espaço com as vitrinas e mostruários de boxes que

realizam a interface entre o Paulista Center e a rua. No alto, é possível perceber que o lugar que deveria conter a logo ou qualquer outro dispositivo de nomeação do prédio encontra-se vazio. Não há, portanto, nenhuma indicação de número ou nome do espaço. À noite, a iluminação cria um contraste cromático entre claro/escuro, responsável por indicar que o local ainda está funcionando e por destacá-lo da própria avenida Paulista. É, portanto, um mecanismo de manipulação que orienta o fluxo de pessoas que passa pela calçada a entrar no ambiente de compras.



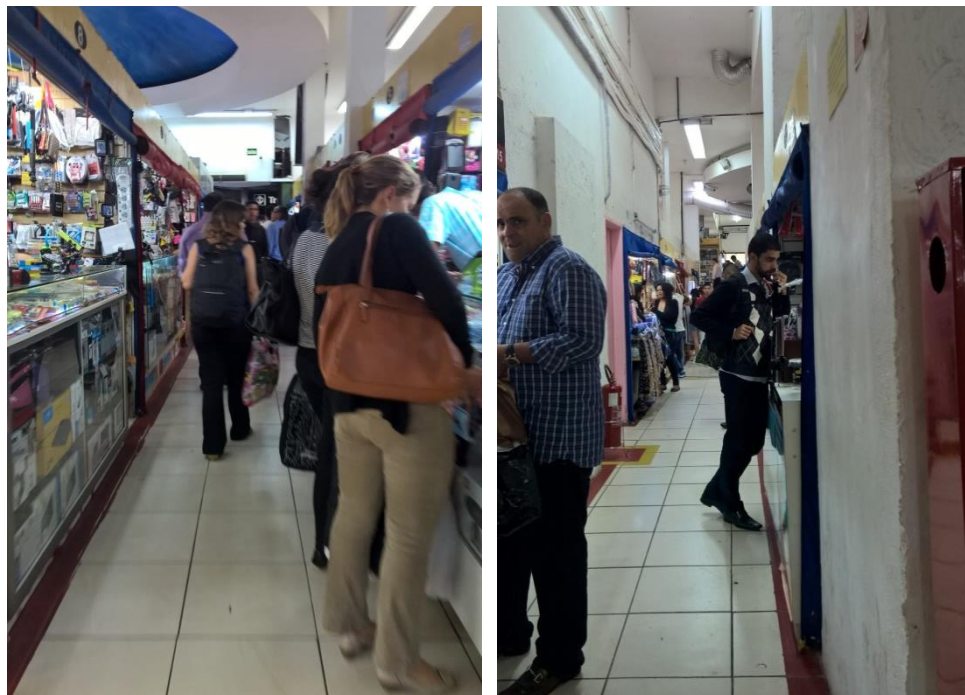
**Figura 3.** Entrada da galeria Paulista Center: ausência de nome ou numeração. Fonte: acervo pessoal.

Além disso, o recuo da entrada, que forma um abrigo em frente à galeria, cria um ponto de encontro – principalmente pelo prédio estar posicionado em frente a uma saída do metrô – e aproxima o espaço de uma espécie de “esconderijo”, localizado embaixo de um imponente prédio residencial. Dessa forma, a atividade comercial (espaço privado-público ou não-público) ocupa-se da horizontalidade, que é o próprio fluxo de pessoas da avenida Paulista, enquanto a zona residencial (espaço privado), da verticalidade. Essa mesma homologação entre as categorias horizontal/vertical e as dimensões não-público/privado será reiterada ao longo de outros prédios de uso misto que constituem a avenida Paulista.

Ainda na entrada (FIG. 3), é possível notar dispositivos de segurança tanto ostensivos, como o sistema de monitoramento eletrônico (câmeras), quanto discretos, como a presença de um segurança privado (homem vestido de preto, sem qualquer identificação

de segurança, no canto esquerdo da foto à direita), que permanece na porta do local. A presença de tais mecanismos de segurança revela que, apesar da existência de policiamento e monitoramento eletrônico regulados pelo poder público na própria avenida Paulista, o Paulista Center apresenta-se como um outro espaço, com relações entre os sujeitos, ritmos e espacialidades diferentes dos impostos na via, necessitando, portanto, de um esquema de segurança próprio. A figurativização da segurança funciona, neste caso, tanto para o lojista, preocupado com o roubo de mercadorias, como para o cliente, que se protege contra um possível furto em meio ao grande fluxo de pessoas. Assim, tais dispositivos funcionam como mecanismos de persuasão responsáveis por orientar os modos de transitar dos sujeitos (RIBEIRO, et.al., 2014).

O interior do Paulista Center é composto, como já dito anteriormente, por 222 pequenos boxes distribuídos em três andares. No andar principal (existe um piso superior e um piso inferior), que está na altura da avenida Paulista, o fluxo de pessoas é ordenado por dois corredores estreitos. A distância entre dois estandes opostos é de cerca de três metros, o que dificulta o fluxo de clientes, principalmente em horários de maior lotação. A já pequena largura dos corredores é encurtada ainda mais pelo design adotado pela maioria dos boxes, que possuem um balcão separando o cliente do vendedor. Dessa forma, o cliente é atendido enquanto ainda está no corredor, o que termina por estrangular a passagem.



**Figura 4.** Os corredores estreitos dificultam a passagem dos clientes e influenciam no trânsito dos sujeitos.  
Fonte: acervo pessoal.

Somado ao pouco espaço para trânsito, o pé direito baixo, reiterado em todos os três andares, reforça o estado disfórico de desconforto. Além disso, o prédio não possui janelas ou qualquer tipo de ventilação. Apenas as suas duas saídas, uma para a avenida Paulista, outra para a rua Pamplona, são responsáveis pelo arejamento do local. Quase não existe, portanto, contato entre o interno da galeria e o externo da rua, o que cria um efeito de sentido de isolamento, tanto para o sujeito que se encontra no Paulista Center, quanto das atividades comerciais que são ali praticadas. É importante ressaltar ainda o predomínio de linhas retas, que são utilizadas como recurso para otimizar o espaço, que passa a comportar um maior número de boxes. Existe, dessa forma, uma preocupação muito maior do destinador complexo (locatário do espaço e donos dos boxes comerciais) com os valores da praticidade e da funcionalidade em oposição aos valores do estético e do lúdico.



**Figura 5.** O pé direito baixo e a ausência de ventilações reforçam o estado disfórico de desconforto e isolamento no interior da galeria. Fonte: acervo pessoal.

A sinalização ao longo da galeria é demarcada pelo uso das cores amarelo e azul. As duas cores, que possuem um efeito de sentido contrastante entre quente/frio, respectivamente, são utilizadas ora para apontar falta de atividade (azul nos toldos, que são baixados e, portanto, vistos, apenas quando o estabelecimento fecha), ora para chamar a atenção dos clientes (amarelo empregado na parte do superior dos estandes, onde está a numeração, ou quando usado para indicar a rota das saídas de emergência). O contraste



entre quente/frio é reiterado ainda no uso contrastante nos estandes entre revestimentos de madeira e vitrinas e mostruários de vidro ou acrílico transparente.

O Paulista Center não possui espaços de convivência ou sociabilidade. Até mesmo a lanchonete, localizada no piso inferior, não possui mesas ou cadeiras, apenas um balcão. O espaço da galeria é completamente otimizado para o uso comercial e não existem sequer bancos que permitam algum momento de descanso para o cliente ou para o próprio lojista. Esse traço, somado aos já expostos acima, faz com que o ritmo da maioria dos sujeitos que por ali transitam seja acelerado. A presença na galeria é encurtada ao momento da compra do produto desejado. A única exceção são os turistas que entram com o objetivo de conhecer o ambiente, sem propósito imediato de compra. Ainda assim, esse sujeito termina por misturar-se ao fluxo acelerado dos outros.

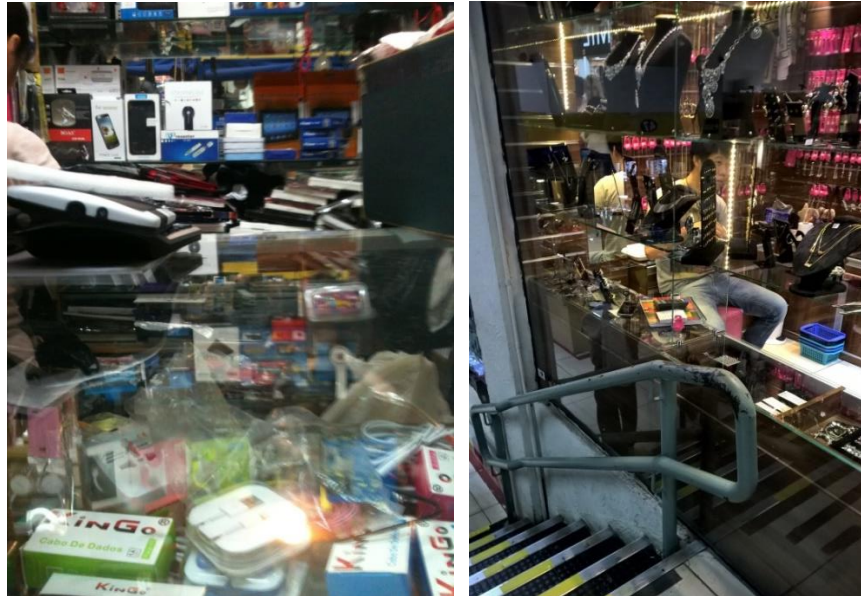
Com uma enorme oferta de diferentes produtos e estabelecimentos tão próximos uns aos outros, as vitrinas e mostruários dos estandes cumprem o papel do fazer manipulatório, pois nem sempre é possível que haja uma interação prévia entre cliente e vendedor. Segundo Oliveira (1997, p. 43), as vitrinas são construídas para funcionarem como verdadeiras “armadilhas de sedução”, de modo que:

“Como em qualquer outro processo semiótico, é o modo como o criador arranja os elementos em termos de relações sintáticas e semânticas que estrutura o discurso; e, correlativamente, são essas mesmas relações que permitem ao passante – receptor – atribuir sentidos à manifestação discursiva.”. (OLIVEIRA, 1997, p.43)

A maioria das vitrinas do Paulista Center funciona apenas como um grande mostruário dos produtos disponíveis no estande. Não há uma forte preocupação de estabelecer uma coesão estética ou em contar uma história. É a própria oferta, bem como o preço, de determinado produto que é responsável por chamar a atenção do transeunte. Apenas alguns boxes que comercializam produtos ligados a vestuário possuem a presença de manequins, geralmente colocados no meio dos corredores, e não em vitrines, que funcionam como uma espécie de simulacro<sup>7</sup> de cliente da loja.

---

<sup>7</sup> O termo simulacro aqui é utilizado como sinônimo para uma ação ou imagem simulada e não a partir da definição de simulacro empregada pela Semiótica Discursiva.



**Figura 6.** Exemplos de vitrinas dos estandes do Paulista Center: um simples mostruário de produtos ou um arranjo estético mais elaborado. Fonte: acervo pessoal.

A exceção são as lojas que comercializam produtos relacionados a marcas do mercado de luxo – como bolsas que trazem o logotipo da marca *Chanel* ou relógios com a marca *Tag Heur*, por exemplo –, cujos estandes geralmente trazem, além da vitrina, um espaço para o cliente entrar e sentar-se durante a compra do produto. Nestes casos, a interação não acontece mais de meio corpo para meio corpo, separados por um balcão, mas de corpo inteiro. Esse tipo de ajustamento (que se dá por contágio, com o objetivo de reforçar um fazer manipulatório) faz-se necessário por tratar-se de produtos que são vendidos por valores mais elevados. Dessa forma, as mercadorias precisam ser revestidas de valores – nesse caso, relacionados a um estado eufórico de pertencimento ou distinção social ou de construção identitária – de uma forma mais cuidadosa, levando em conta o destinatário em questão, para que a manipulação obtenha sucesso.

Em horários de menor fluxo, outros tipos de negociação também são possíveis. Com um menor movimento, a interação entre vendedores e clientes passa a ser semelhante à de uma feira livre. É comum que os vendedores abordem os transeuntes e ofereçam descontos ou produtos específicos, estabelecendo uma relação de venda que está sempre aberta à negociação, diferente do que ocorre em ambientes e pontos comerciais da própria avenida Paulista, em que o preço que está na etiqueta é o preço final pago pelo cliente. Esse tipo de abertura reforça a ideia de atividade comercial informal, bem como a ideia de orientalidade, já que é comum em feiras ou mercados de países do Oriente que uma negociação seja travada entre o cliente e o vendedor para que se chegue ao preço final do produto.

Ao contrário do que geralmente acontece em outras galerias ocupadas por imigrantes chineses em São Paulo, o idioma, no caso do Paulista Center, não é um entrave. Durante as visitas realizadas ao local, a grande maioria dos estandes possuía vendedores brasileiros e, mesmo quando eles não estavam presentes, os vendedores chineses sabiam o suficiente da língua portuguesa para travar uma conversa e concretizar uma venda. Pode-se perceber, dessa forma, que, mesmo sem um grande domínio do português, os vendedores chineses programam-se para a atividade da venda, aprendendo frases comumente utilizadas nesse contexto, e ajustam-se ao cliente brasileiro no momento da negociação.

### **Regimes de visibilidade e regimes de alteridade**

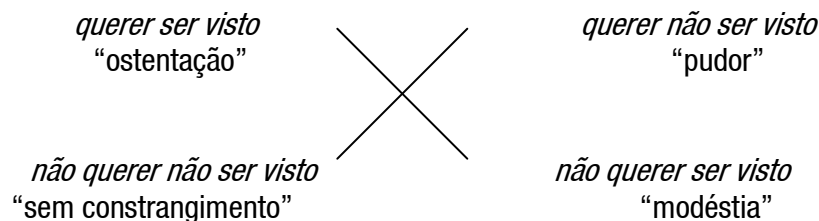
Diante do exposto, partir-se-á agora para a problematização do Paulista Center e da presença do imigrante na avenida Paulista a partir dos postulados de Eric Landowski sobre os regimes de visibilidade (1992) e seus estudos sobre as relações entre identidade e alteridade (2012). Em *A Sociedade Refletida* (1992, p. 89), o semioticista discute a relação entre o público *vs.* o privado e entre o individual *vs.* o coletivo nos termos dos regimes de visibilidade, que implicam “uma relação de pressuposição recíproca – um que vê, o outro que é visto – e entre os quais circula o próprio objeto da comunicação, no caso a imagem que um dos sujeitos proporciona de si mesmo”. Utilizando os procedimentos de análise do aparato semiótico, o autor estabelece uma série de relações em quadrados semióticos que demonstram as manifestações diversas das confrontações modais apresentadas, como *querer ver* (observador) e *querer ser visto* (exibicionista).

No caso do objeto em questão, os discursos são tematizados pela inserção do imigrante na sociedade de acolhimento – no caso, a paulistana – e figuratizados pela maneira como a galeria Paulista Center se encontra plasmada na avenida Paulista. Do ponto de vista do observador, é possível perceber que o Paulista Center (S1) trabalha com dois principais actantes diferentes: o consumidor (S2) e as autoridades do poder público (S3).

Para o primeiro, que assume o papel do *querer ver* (observador), pois busca realizar percursos de aquisição dos bens que são ofertados e por ele desejados, a galeria mostra-se como um sujeito que *quer ser visto* (ostentação). Essa posição, no entanto, só é assumida se S2 possuir, além da competência modal mínima para o estabelecimento da relação de *poder ver*, a competência do *saber* da existência de uma ampla galeria naquele ponto comercial, responsável por reunir um grande número de boxes e oferta de produtos, já que não existe

qualquer tipo de identificação. Neste caso, a relação entre S1 e S2 é da ordem do *interesse mútuo*, caracterizado por Landowski (1992, p. 95) como “situações pacificadas, supondo uma quase contratualização do ‘direito de olhar’ entre os parceiros: eles se entendem, ainda que implicitamente, sobre a escolha de um regime dado de visibilidade”.

Na outra situação, S3 assume a posição de *querer ver*, no caso de operações ou fiscalizações direcionadas, ou do *não querer não ver*, o que ocorre na circulação diária programada de policiais e fiscais na avenida Paulista. Neste caso, S1 assume a posição de *querer não ser visto* (pudor), a partir da utilização de estratégias de apagamento e de invisibilidade, como a falta de nome ou de número na fachada da galeria; e a relação entre os dois é de *voyeurismo* de S3 (*querer não ser visto* e *querer ver*) ou de *indiscrição* de S3 (*querer não ser visto* e *não querer não ver*). Nesses tipos de relação, o poder público atuará como uma espécie de anti-sujeito que ultrapassa os limites do que o outro está disposto a deixar perceber. Como exemplo das relações acima propostas, Landowski (1992, p.98) cita: “Do domínio da patologia individual (o ‘voyeurismo’ propriamente dito) ao das relações internacionais (a ‘espionagem’), passando por todas as formas de ‘inquisição’ administrativa e de ‘vigilância’ social”.

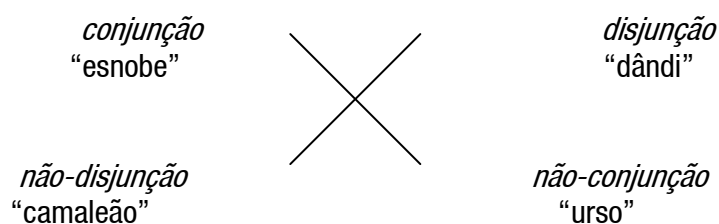


**Figura 7.** Quadrado semiótico dos regimes de visibilidade apreendidos no Paulista Center: *ostentação* e *pudor*. Fonte: livro *A Sociedade Refletida* (1992).

Em relação aos regimes de alteridade propostos por Landowski (2012), o Paulista Center encaixa-se na categoria do *camaleão*, um regime pautado pela não-disjunção, na medida em que comporta elementos plásticos que buscam integrar a galeria à região da avenida Paulista. Isso também ocorre, por exemplo, quando seus vendedores ajustam-se ao idioma da língua portuguesa, e, concomitantemente, mantém características da sua origem oriental, como a forma de fazer negócio ou os produtos que, em grande parte, são importados da China. Segundo Landowski (2012, p. 38), o *camaleão* possui a habilidade de, muito discretamente, se fazer passar por alguém que já pertence ao mesmo mundo,

“embora, na realidade, ele jamais tenha se disjunto do universo – totalmente outro – de onde ele provém e para onde, secretamente, ele sabe (ou imagina) poder um dia retornar”. Nesse ponto, o Paulista Center figurativiza o próprio percurso do imigrante, que busca realização e sucesso financeiro em uma terra estrangeira para, quem sabe, um dia retornar ao país de origem.

Ainda segundo o autor, o *camaleão* possui uma trajetória que caminha em direção à identidade do “Sr. Todo Mundo” (LANDOWSKI, 2012), indivíduo que se caracteriza essencialmente pelo seu senso de adequação, pela sua característica de pertencimento ao grupo. Ou seja, o *camaleão* é um sujeito que se direciona para a adequação e a aceitação, assim como o imigrante. Nesse trajeto, o *camaleão* “traz visivelmente em si as marcas do seu exotismo; mas, já que não tem escolha, logo ele saberá adaptar seu aspecto às normas do meio ambiente de maneira a ser aceito nele do modo menos exigente em relação a outrem: fazendo-se passar despercebido” (LANDOWSKI, 2012, p. 40).



**Figura 8.** Quadrado semiótico dos regimes de alteridade apreendidos no Paulista Center: *camaleão*. Fonte: livro *Presenças do Outro* (2012).

## Conclusão

A partir da observação direta da galeria Paulista Center, foram identificadas marcas responsáveis por construir a presença do local na avenida Paulista, que, em última instância, figurativizam a presença do próprio imigrante – neste caso, o imigrante chinês – na cidade de São Paulo. Ao utilizar o arcabouço teórico-metodológico da Semiótica Discursiva, da Semiótica Plástica e da Sociosemiótica, pudemos recuperar, por meio da análise de traços da plasticidade e da figuratividade plasmados no local, o percurso dos sujeitos que compõe o Paulista Center. Por fim, foi possível chegar aos regimes de visibilidade e alteridade observáveis no objeto, aproximando a galeria do imigrante que nela trabalha.

Dessa forma, o que se pode perceber a partir da análise do Paulista Center é que a presença do imigrante na avenida Paulista, um dos pontos de maior visibilidade da cidade

de São Paulo, é marcada de forma estratégica – as quatro galerias estão posicionadas próximas às três saídas de metrô da via e ocupam o espaço do térreo de prédios de uso misto – de modo a favorecer a atividade comercial praticada por esses estrangeiros; porém, em alguns casos, a exemplo do Paulista Center, de forma discreta, em um esforço para integrar-se à paisagem urbana da própria avenida.

Tal percurso de adaptação realizado pelo imigrante encontra-se figurativizado de diferentes maneiras ao longo da cidade de São Paulo, seja em bairros historicamente marcados pela presença do estrangeiro, como a Liberdade ou o Brás, seja em pontos da cidade que reúnem diversas influências culturais, regionais ou internacionais, como a avenida Paulista. Esse processo de integração é, conforme exposto por Flusser (1998), marcado por uma natureza dialética, em que o imigrante recebe o impacto do ambiente e o ambiente recebe o impacto do imigrante. Neste caso, o ambiente é o brasileiro, considerado pelo autor como de fácil penetração, mas de difícil integração. “Em outros termos: é fácil viver-se no Brasil enquanto imigrante, e desesperadamente difícil integrar-se nele” (FLUSSER, 1998, p. 45).

## REFERÊNCIAS

FLUSSER, Villém. **Fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro: Eduerj. 1998.

GREIMAS. A. J., COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto. 2013.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade Refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Olhar Comprometido**. IN: Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC. São Paulo: EDUC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Presenças do outro**. São Paulo; Perspectiva, 2002.

MARSCIANI, Francesco. **Introdução à etnossemiótica**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas. 2012.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. **Vitrinas: acidentes estéticos na cotidianidade**. São Paulo: EDUC, 1997.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 23, Nº 67, São Paulo, 2008.

PIZA, Douglas de Toledo. **Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de Março: migrantes chineses e comércio “informal”**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

RIBEIRO, Geni Rodio; CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo Machado, et. al. A (in)segurança nas ruas de comércio de moda Oscar Freire e José Paulino. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (ORG.). **São Paulo público & privado: Abordagem sociosemiótica**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

SHANG-SHENG, Chu. **Imigrantes e Imigração Chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990)**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº07, Rio, 2009.

TEIXEIRA, L. e OLIVEIRA. A. C (org.). **Linguagens na Comunicação, desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2009.